

## OS EFEITOS DO DISCURSO PATRIARCAL NOS CONTOS: *NO QUARTO DEZENOVE E INTÉRPRETE DE MALES*

Frederico Loiola Viana  
Mariana Stefani Deolindo de Jesus  
Samara Oliveira Silva<sup>1</sup>

Prof<sup>a</sup>. Me. Cleideni Alves do Nascimento<sup>2</sup>

**Abstract:** A proposta deste trabalho foi analisar a Representação da Mulher no Discurso Patriarcalista Presente nos Contos: *No Quarto Dezenove* e o *Intérprete de Males*, de Doris Lessing e Jhumpa Lahiri respectivamente, investigando a representação da identidade feminina construída através do discurso patriarcalista. Sabe-se que ao redor da identidade feminina, se criou uma crença de que a mulher, sexo frágil, deveria assumir os deveres domésticos, e cuidar dos filhos, enquanto o homem era o provedor da casa. A partir do século XX, a mulher consegue ter uma maior autonomia, podendo assim trabalhar e estudar, porém ainda sobre o jugo patriarcalista ela acaba deixando todos os seus projetos para constituir uma família. Encurralada pela autonomia e pelo discurso patriarcalista as personagens femininas dos contos supracitados, acabam desenvolvendo conflitos identitários, ou seja, se desenvolve então a crise de identidade. Ao analisar os Conflitos das identidades, A construção da identidade feminina no discurso patriarcalista e A representação da mulher nos contos *O Intérprete de Males* e *O quarto dezenove*, pode-se notar que esse discurso se faz presente na criação das identidades femininas analisadas, desenvolvendo assim, uma crise de identidade na qual resultou em finais opostos, porém surpreendentes. Conclui-se que a questão identitária, patriarcalista, pessoal e familiar da mulher sempre acompanhará o padrão exigido pela sociedade.

**Keywords:** identidade feminina; crise de identidade; discurso patriarcalista.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo tem o objetivo de traçar uma análise comparativa entre os contos *No Quarto Dezenove* (1980), de Doris Lessing e *Intérprete de Males* (1999), de Jhumpa Lahiri, investigando a identidade feminina construída por meio do discurso patriarcal presentes nas obras supracitadas, buscando mostrar como o discurso patriarcal, ainda que de maneira sutil, suprimiu a identidade feminina das protagonistas nos dois contos. De forma naturalizada, esse discurso direciona as escolhas das personagens levando-as a conflitos identitários.

Publicado em 1978, o conto *No Quarto Dezenove* retrata a vida de Susan Rawlings, uma mulher de meia idade de uma família londrina de classe média alta que se vê em uma crise de identidade desencadeada depois de anos de casamento, com a única responsabilidade de cuidar da casa e dos filhos.

---

<sup>1</sup> Discentes do curso de Letras/Inglês Licenciatura em Língua Inglesa e Literaturas, da Universidade do Estado da Bahia- UNEB. E-mail: fredyloy@hotmail.com, marianna\_steffany@hotmail.com e mara\_oliveira\_09@hotmail.com.

<sup>2</sup> Orientadora da disciplina de Estudos Contemporâneos da Literatura de Língua Inglesa II.

Já o conto *Intérprete de Males*, publicado em 1999, conta em um microcosmo as histórias da família Das e do Sr Kapasi e em um macrocosmo fala do choque cultural entre Ocidente e Oriente. Entretanto, o foco deste trabalho recai na personagem da Sra. Mina Das, uma mulher jovem de descendência indiana que se transforma gradualmente quando percebe que seu casamento não é o que ela idealizava, se resumindo a uma rotina de cuidar da casa e dos filhos.

Comparando os dois contos pode-se perceber que as personagens tem um traço em comum, são sucumbidas pelo discurso patriarcal representado pelos relacionamentos que mantêm com seus maridos. Trata-se de uma pesquisa de caráter teórico e bibliográfico, com uma abordagem qualitativa e para fundamentar a análise dos contos serão utilizados referenciais teóricos para tratar acerca da identidade feminina, a identidade antropológica e o discurso patriarcal.

## **O CONFLITO DE IDENTIDADES**

Antes de analisar os contos *O quarto dezenove* e *Intérprete de males*, se faz necessário discorrer sobre os variados conflitos de identidade, fundamentando-se em autores que discutem as transformações identitárias do sujeito. A identidade faz parte da construção do indivíduo como ser social. Na contemporaneidade, o ser humano passou a descobrir que poderia haver múltiplas características identitárias, muitas vezes, havendo conflito entre elas.

Segundo Stuart Hall (2006), as velhas identidades que por muito tempo estiveram consolidando o mundo, estão em declínio, fragmentando o indivíduo. Acredita-se que a identidade vive em profunda mudança, sendo adaptada às transformações de uma determinada sociedade. Hall afirma que a partir do século XX essa mudança pôde ser visível, através das fragmentações das paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado eram sólidas e identificavam os indivíduos sociais. Essas transformações estão afetando as identidades pessoais, abalando nossa concepção de identidade como algo unificado. Essa mudança de concepção foi denominada deslocamento do sujeito ou crise de identidade.

No livro *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (1992), Hall apresenta três conceitos de identidade, a saber: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

No conceito do Iluminismo, o sujeito era o centro essencial do seu “eu”. A razão, a consciência e as ações do ser caracterizariam a sua identidade.

No conceito do sujeito Sociológico, entende-se que o interior do ser humano não é autônomo nem autossuficiente, mas depende da relação com outras pessoas. Segundo Hall (1992), a identidade do sujeito sociológico é formada pela interação entre o indivíduo e a sociedade a qual pertence. E se modifica quando dialoga com outros mundos culturais e com as identidades que esses mundos oferecem.

Já o conceito do sujeito pós-moderno apresenta um indivíduo com várias identidades, resultado das mudanças ocorridas no seu meio social. O sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, essencial e permanente, mas identidades diferentes em vários contextos, pois o sujeito vê-se confrontado com as múltiplas culturas e identidades possíveis.

Com base em tais conhecimentos a respeito de identidade, compreende-se que as características identitárias fazem parte da construção do ser humano. Pois, conforme citado anteriormente, o sujeito pós-moderno está imerso em diversos contextos culturais e sociais, não tendo uma identidade fixa, resultando em uma identidade fragmentada.

No que se refere à identidade literária, observa-se que os diferentes discursos identitários, presentes nas obras analisadas estão representadas em seus personagens. Ainda sobre identidade, Culler (1999) defende que a literatura sempre se preocupou com as questões de identidade, e as obras literárias sempre falaram implícita ou explicitamente acerca dessas questões. A literatura traçou os destinos dos personagens definindo-os pelas combinações de seu passado, suas escolhas e pelas forças sociais que interferem em sua vida.

Culler (1999) dirá que as obras literárias oferecem vários modelos de como se formam uma identidade. Para ele, algumas identidades seriam definidas no nascimento do personagem, outras de acordo com as mudanças do destino ou em qualidades pessoais que são reveladas durante as tribulações de sua vida. O autor ainda afirma que a literatura desempenha um papel muito importante para a construção da identidade dos leitores. Através da literatura os leitores podem vivenciar experiências específicas já vivenciadas ou sentir-se livre para agir e sentir de certas maneiras. As obras literárias fazem com que nos identifiquemos com os personagens.

Culler (1999) aponta que os poemas e os romances exigem identificação, e a identificação proporciona identidade. Nossa identidade também é influenciada pela identificação com os textos literários. Então, a personalidade é constituída por uma série de identificações.

Nessa relação entre o leitor e os modelos de representação presentes em uma história, o leitor reconstrói a sua identidade através da associação de textos com a identificação dos

personagens, podendo compartilhar sua experiência de vida e tratar dela com os sentimentos que antes estavam silenciados dentro de si.

Petit (2009) afirma que através da leitura determinados grupos que antes viviam presos dentro de si, começam a ter voz, fazendo associações com o texto lido, relembram a própria vida, colocando assim o pensamento em movimento através da atividade de simbolização. Quando os textos são lidos ou ouvidos, ajudam a despertar regiões que foram esquecidas ou roubadas através das circunstâncias. Nesse sentido a história lida desempenha o papel de construção e reconstrução do seu “eu”, mesmo que os leitores não tenham palavras para descrever sobre si.

No que se refere aos contos analisados, pode-se perceber que as questões de identidade estão presentes no contexto das obras. A crise de identidade é perceptível nas duas personagens principais. Depois do casamento e dos filhos, elas percebem que os padrões sociais que a sociedade exigia acabaram limitando a sua identidade de mulher à condição de esposa e de mãe, sem desempenhar uma participação ativa na sociedade. Assim, falar das histórias dessas personagens é também tratar dos conflitos vividos por muitas mulheres reais, que podem se identificar com as “mulheres literárias”.

## **A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NO DISCURSO PATRIARCALISTA.**

Depois de tratar das teorias relacionadas à identidade, faz-se necessário discutir como o discurso machista pode interferir na constituição da identidade feminina. Nesse sentido, Tilly (1998) afirma que as mulheres são definidas pelo sexo, mas essa compreensão vai muito além de uma categoria biológica. Elas existem socialmente em diferentes idades, situações familiares, pertencem a classes sociais diferentes, nações e comunidades; Suas vidas são moldadas por regras sociais e costumes decorrentes de crenças e opiniões formuladas por uma estrutura de poder, na qual o homem tem o papel principal.

A partir do século XVI surge um novo conceito de modernidade, onde o ser humano conquistou autonomia e individualidade. Nesse contexto, a mulher passou a ser excluída da esfera pública, uma vez que este conceito de modernidade pertencia apenas ao homem. No século XVIII, ocorreram mudanças políticas, sociais e econômicas que deram início à sociedade patriarcal, embasada na diferença sexual entre homem e mulher.

Já na Revolução Industrial o cenário muda, as mulheres começam a conquistar novos espaços públicos, ampliando o campo de direitos sociais e políticos, mas ainda com a diferença social entre os homens.

Durante as duas Grandes Guerras Mundiais, os homens foram para as frentes de batalha, as mulheres assumiram os negócios da família e começaram a ocupar as vagas dos homens no mercado de trabalho. Com o fim das guerras, muitos homens voltaram mutilados, sendo impossibilitados de trabalhar. As mulheres, então, passaram a ocupar o trabalho de seus maridos.

A partir do século XX, a mulher passa a ter mais autonomia no que se refere ao estabelecimento das relações conjugais, também passando a assumir a chefia do lar. Tilly (1998) diz ainda que um aspecto muito importante que difere a história da mulher dos outros tipos de história é o fato de ter sido um movimento social, por um longo período essa história foi movida por convicções feministas. A principal convicção do feminismo é a acessibilidade tanto do homem quanto da mulher às ideias do feminismo.

Para as feministas, o direito igualitário entre os gêneros, está em primeiro lugar. Defendem salários melhores, menor discriminação no mercado de trabalho, a não obrigação de cuidar dos filhos, da casa e do marido, sendo também responsabilidade do homem fazer tal tarefa. As feministas são contra todo tipo de agressão à mulher, seja ela física, verbal ou sexual.

A voz da mulher busca ser ouvida e valorizada. A diversidade feminina deve também ser valorizada, por muitas vezes a mulher sempre esteve à margem da sociedade, sendo estereotipada pela mídia e menosprezada pelo seu companheiro e pela própria sociedade. Como pode-se perceber ao longo das décadas a identidade feminina foi se moldando de acordo com os acontecimentos históricos, a mulher foi tomando o seu espaço no mundo patriarcalista, mesmo que em pequenas proporções.

Borges (2013), diz que a identidade feminina foi construída no discurso de que o casamento e a constituição familiar era o ponto central de seus projetos e trajetória de vida; Trabalho e profissão ficavam de lado na vida da maioria das mulheres, que se transformaram em mãe, esposa e dona-de-casa. Dessa maneira cria-se a ideia de que a natureza feminina está voltada para cuidar do lar e a natureza masculina para sustentar a família, formando assim uma natureza estereotipada de que a mulher é frágil, inadequada ao trabalho pesado.

Alguns historiadores dirão que a ideia do patriarcalismo surgiu desde a narrativa de Adão e Eva, passando por todas as gerações, criando um novo modelo de regras e padrões

sociais baseados na desigualdade entre os sexos. O patriarcalismo na visão de Costa (2008) refere-se à:

Organização sexual hierárquica da sociedade tão necessária ao domínio político. Alimenta-se do domínio masculino na estrutura familiar (esfera privada) e na lógica organizacional das instituições políticas (esfera pública) construída a partir de um modelo masculino de dominação (arquétipo viril) (COSTA, 2008, p.04)

Para Johnson (1987), o homem e a mulher aceitaram as regras estabelecidas pela sociedade patriarcal. Idealizando os valores masculinos como principais e os femininos como secundários. Fazendo assim, com que a mulher sintasse incapaz de requerer valores e seu papel como ser atuante na sociedade.

Pode-se perceber a presença desse tipo de discurso na representação das figuras masculinas dentro dos contos. Tanto o Senhor Raj Das como Matthew Rawlings vieram o casamento de forma natural, para eles não havia insatisfação na vida conjugal. Em contrapartida suas esposas, Mina Das e Susan Rawlings, respectivamente, não se sentiam satisfeitas em seus relacionamentos.

### **1. A representação da mulher nos contos *Intérprete de Males* e *No quarto dezenove***

Após ter analisado o contexto da identidade feminina no discurso patriarcalista, busca-se observar a representação da mulher nos textos literários estudados.

O conto *Intérprete de males*, escrito por Jhumpa Lahiri em 1999, narra a história da Sra. Das e do conflito de identidade ocasionado pelo nascimento dos filhos e dos afazeres domésticos. Durante a juventude ela acreditava que o casamento seria um conto de fadas, porém, com o passar do tempo se dá conta que vive uma vida monótona.

Em uma viagem de férias à Índia, a senhora Das encontra no Sr. Kapasi, motorista e guia turístico, uma forma de desabafar toda sua angústia e insatisfação em relação à sua vida. O Sr. Kapasi trabalhava em um consultório, interpretando os males dos pacientes para o médico. Dessa maneira, Mina Das acreditava que ele poderia ajudá-la com o segredo que foi guardado durante um longo período.

*No quarto dezenove*, Doris Lessing mostra por sua vez que os Rawlings, o casal supostamente inteligente, procurava manter o controle de tudo. No início do casamento, Susan e Matthew eram financeiramente independentes e influentes na sociedade, depois do

casamento e dos filhos Susan se vê como mãe e dona de casa. Ao longo do tempo percebe que a sua identidade como mulher independente foi perdida.

Em busca de sua identidade, Susan se distancia cada vez mais da sua família, se isolando, procurando um lugar em que pudesse encontrar o seu “eu”. No decorrer da sua caminhada, Susan encontra sua liberdade em um desfecho surpreendente.

Nos contos supracitados, a presença do sujeito pós-moderno, está implícita nas personagens femininas. Como citado anteriormente, o sujeito na Pós-Modernidade está imerso em diversos contextos culturais e sociais, não tendo uma identidade fixa, resultando em uma identidade fragmentada.

Em *Intérprete de Males* a personagem principal, Sra Das, representa o sujeito na Pós-Modernidade, em que a mesma perde sua identidade a cada passo dado na vida conjugal, primeiro o casamento, depois os filhos: “Casou-se muito cedo e depressa se viu avassalada por tudo o que aconteceu, o filho que nasceu depressa, os cuidados com o bebe, as mamadeiras que tinha de preparar, testando a temperatura do leite no pulso [...]” (LAHIRI, 1999, p.78).

Em *No quarto 19*, Susan também representa o sujeito na Pós-Modernidade, ou seja, o sujeito que não tem uma identidade fixa. Ao contrário do sujeito do Iluminismo, Susan não era o centro essencial do seu “eu”, mas o centro da família, se tornando esposa, mãe e administradora da casa.

A vida deles parecia ser como uma cobra mordendo o rabo. O emprego de Matthew por causa de Susan, filhos, casa e jardim – uma organização que requeria um bom emprego para mantê-la. E a inteligência prática de Susan por causa de Matthew, dos filhos, da casa e do jardim – cuja unidade se desfaria numa semana sem ela. (LESSING, 1951, p.362)

O trecho na sequência expõe bem como muitas mulheres veem seus casamentos, pois para elas o importante é que o marido, independentemente da traição, sempre volte para seu lar, para sua família. “Aquelas mulheres ocasionais abalavam o casamento? Não, não abalavam. Eram elas antes derrotadas, porque o atraente Matthew Rawlings era casado de corpo e alma com Susan Rawlings”. (LESSING, 1951, p.365).

No conto *Intérprete de Males* a identidade literária pode ser observada não na traição, mas no momento em que Mina perde sua vida social para cuidar do primeiro filho:

Sempre cansada, ela nunca aceitava os convites de suas poucas amigas da faculdade, que a chamavam para almoçar ou fazer compras em Manhattan. Por fim as amigas pararam de chamá-la, e ela passava o dia inteiro em casa

com o bebê, cercada de brinquedos, tropeçando neles quando andava e sentando em cima deles quando se largava no sofá, sempre mal-humorada e cansada. (LAHIRI, 1999, p. 79)

Percebe-se neste excerto que A Sra. Das ficou reclusa em sua própria casa. Ela já não participava mais da vida pública. Seu cansaço não era apenas físico, mas também emocional.

Referente à construção da identidade feminina no discurso patriarcal, o foco será somente na identidade feminina a partir do século XX. Século esse em que se passam as histórias. Como já supracitado, a mulher no século XX passa a ter uma maior autonomia, porém, ainda tendo sua identidade construída por influência do discurso patriarcal, sendo a constituição familiar o ponto central de seus projetos e trajetória de vida; A profissão e o trabalho ficavam de lado e desse modo a mulher acaba assumindo os deveres domésticos do lar.

*No quarto 19*, pode-se notar essa característica quando Susan larga seu emprego, depois que engravida do seu primeiro filho:

Eles moraram em seu agradável apartamento dois anos, dando reuniões e comparecendo às reuniões de amigos, sendo um jovem casal popular, e então Susan ficou grávida, largou o emprego, e eles compraram uma casa em Richmond. (LESSING, 1951, p.361)

Já em *Intérprete de Males*, Mina apresenta tal característica no seguinte trecho, “Desde que Ronny nasceu, quase nunca saíam, e era mais raro ainda receberem visitas”. (LAHIRI, 1999, p. 79)

Uma característica em comum nos contos é o adultério visto a partir da perspectiva do discurso patriarcalista. *No quarto dezenove*, o ato é cometido por Matthew Rawlings, que por sua vez, tem a tarefa de retratar a ideia de que a culpa da traição é da mulher, que não tem tempo de participar das convenções sociais, pois está muito atarefada com os afazeres domésticos:

Pois era inevitável que Matthew Rawlings, bonito, louro, atraente, viril, às vezes se sentisse tentado (oh, que palavra!) pelas mulheres bonitas em reuniões e festas às quais ela não podia comparecer por causa dos quatro filhos [...] (LESSING, 1951, p.365)

Já em *Intérprete de Males* o adultério é cometido por Minas Das, o ato foi despropositado e circunstancial, acarretando sérias consequências no decorrer de sua vida. Tais



consequências levaram a personagem a viver em grande aflição, que aos poucos transformou-se em culpa:

Ela não reclamou quando o amigo tocou-a nas costas no momento em que ia preparar o café, e em seguida apertou-a contra seu terno azul-marinho recém-passado. Amou-a depressa e em silêncio, com uma perícia que ela jamais conhecera, sem as expressões e sorrisos carinhosos que Raj achava indispensável depois do ato. (LAHIRI, 1999, p. 79)

Uma característica que pode ser destacada no conto *No quarto dezenove* é a dependência financeira que a mulher tem do seu marido. Susan passou a depender financeiramente de Matthew, depois de ter deixado de trabalhar:

Um quarto custaria três ou quatro libras por semana, e ela não ganhava dinheiro, e como iria explicar a Matthew que precisava daquela quantia? Para quê? Não lhe ocorreu que ela tinha como certo que não ia lhe contar a respeito do quarto. (LESSING, 1951, p. 376)

Outro ponto a levar em consideração é a forma como o discurso patriarcalista está implícito na cultura indiana, nos valores e costumes. Enquanto, Mina Das, trajava uma saia que não chegava até os joelhos e uma blusa com um aplique de forma de coração, na altura do peito. A senhora Kapasi, usava roupas típicas compridas, e não se despia nem mesmo no momento íntimo com o marido:

Na visão patriarcalista, o papel da mulher resumiu-se ao casamento. A mulher internalizou essa concepção e passou às futuras gerações. As meninas eram ensinadas desde cedo a serem donas de casa. Por outro lado, os filhos, eram ensinados a ser o mantenedor do lar, o chefe da família. Nesse sentido, as ideias patriarcais passaram a ser um modelo de representação social. Pode-se observar nos contos que tanto o casamento de Susan quanto o de Mina, foram incentivados pelo discurso patriarcalista. Susan, por estar em uma idade avançada, seus amigos viam a necessidade do casamento. Mina, por sua vez, filha de indianos, teve seu casamento arranjado desde a infância.

Que tivesse esperado tanto tempo (mas não tempo demais) por aquela coisa real era para eles uma prova da sensata discriminação de ambos. Muitos dos seus amigos, se tinham casado cedo, e agora (era a impressão dos Rawlings) lamentavam oportunidades perdidas; ao passo que outros, ainda solteiros, lhes pareciam áridos, cheios de dúvida, e com a probabilidade de fazerem casamento desesperados ou românticos. (LESSING, 1951, p. 360)

Minha vida inteira eu sempre vi o Raj nos fins de semana, ou na nossa casa ou na deles. Os adultos nos mandavam brincar no andar de cima, e ficavam lá embaixo rindo, dizendo que íamos acabar casando. Imagine só! Nunca nos pegaram em fragrante, mas acho que foi tudo mais ou menos uma armação. (LAHIRI, 1999, p. 78)

O casamento nos contos é um ponto de destaque. *No quarto dezenove*, Susan e Matthew Rawlings é considerado um casal inteligente, eles usam a racionalidade e o planejamento para a construção de sua vida conjugal. Por serem pessoas maduras, quase trinta anos, acabaram internalizando a ideia de que o que importava era a racionalidade, eram vistos pelos amigos como pessoas a quem podiam se aconselhar. “Ambos tinham se tornado, em virtude de sua moderação, humor, e abstinência de experiências dolorosas, pessoas a quem outros procuravam para se aconselhar. Podiam-se confiar neles”. (LESSING, 1951. p. 360)

Já em *Intérprete de males*, a situação muda, pois Mina e Raj casaram e tiveram os filhos muito cedo. Este fato é percebido pelo senhor Kapasi, que estranha a forma como Mina e Raj, trata as crianças. Pode-se notar no conto que a relação existente entre a família não é de pai para filhos e sim de irmão para irmão.

Cadê a Mina?”, perguntou o sr. Das.

O sr. Kapasi achou estranho ele se referir à esposa pelo primeiro nome ao dirigir-se à menina. Tina apontou para a mãe, que estava comprando alguma coisa de um dos homens sem camisa que trabalhavam no quiosque de chá. (LAHIRI, 1999, p. 60)

Enquanto o sr. Das ajustava a sua teleobjetiva, sua mulher pegou na bolsa um vidro de esmalte de unha incolor e começou a pinta a ponta do indicador. A menininha exibiu uma das mãos. “A minha também. Mamãe, pinte a minha também”.

“Me deixe em paz”, disse a sra. Das, soprando a uma e virando-se um pouco para um lado. “Você está me fazendo errar tudo”. (LAHIRI, 1999, p. 62)

No desfecho dos contos as mulheres protagonistas encontram rumos diferentes para tentar aliviar o sentimento de angústia ou culpa que ambas sentem. A Sra Mina Das fica insatisfeita por ter que confrontar consigo mesma e encontrar por si só a resposta que esperava ouvir do Sr. Kapasi, o “interprete de males”, porém foi desapontada por não ter tido uma resposta direta e objetiva a qual almejava, revelando uma expressão desagradável e mantendo-se em silêncio: “Ela olhou-o com raiva, os lábios rosados cobertos de óleo de mostarda. Abriu a boca para dizer algo, mas enquanto olhava para o Sr. Kapasi pareceu dar-se conta de algo, e calou-se” (LAHIRI, 1951, p. 81).

*No quarto dezenove*, após Matthew investigar e descobrir a vida secreta de Susan, que diariamente pedia-o dinheiro para passar as tardes fora de casa com o suposto amante em um hotel barato, Susan internalizou isto como invasão da sua liberdade, tirando dela o único momento em que se sentia livre. Sendo assim a personagem toma uma drástica decisão para preservar a sua liberdade: “Sentia-se muito bem deitada ali, ouvindo o leve, brando chiado do gás que se espalhava pelo quarto, para dentro dos seus pulmões, do seu cérebro, enquanto ela se deixava deslizar para dentro do rio escuro.” (LESSING, 1999, p.396)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identidade feminina vem modificando-se e fragmentando-se através do discurso patriarcal. É perceptível nos dois contos o sofrimento das personagens devido às escolhas que tiveram de tomar e o quanto a sociedade patriarcalista estereotipa a imagem da mulher, interferindo em sua vida pessoal, criando-se assim a ideia de que a mulher precisa casar e ter filhos, ou seja, constituir uma família.

Após a análise da posição da mulher no discurso patriarcal nos dois contos, conclui-se que diante da visão da sociedade, a figura feminina sempre carrega as consequências do julgamento machista. As personagens Sra. Mina Das e Susan Rawlings, após cederem ao discurso patriarcal acabam desenvolvendo uma crise de identidade. Enquanto Mina Das, fica na incerteza sobre seus sentimentos de culpa ou angústia depois de ter confessado ao Sr. Kapasi sua traição, Susan Rawlings guarda para si seus sentimentos resultando em uma grande tragédia, assim Matthew nunca saberá que sua esposa não tinha amante.

Pode-se perceber também a presença do patriarcalismo nos dois personagens masculinos, o Sr. Kapasi e Matthew Rawlings. O senhor Kapasi, interessa-se por Mina Das, após notar que ela se interessou por seu trabalho de intérprete de males, porém achou um absurdo quando ela o confessou o seu mais íntimo segredo. Já Matthew Rawlings preferia acreditar que sua mulher tinha um amante do que imaginar que ela queria ficar só, longe de tudo e de todos. Desse modo, pode-se notar a característica patriarcalista no qual o homem sempre é o ser dominante.

O discurso patriarcal presente nos contos concede ao homem o papel e o direito de ser o provedor da família, sendo responsável pelo sustento da mesma, ficando para a mulher os cuidados com a casa e os filhos. Percebe-se que questões relacionadas ao discurso patriarcal continuam circulando livremente na sociedade com uma forte influência sobre os indivíduos. Os contos retratam a segunda metade do século XX, mas ainda hoje esse insidioso

discurso que acaba sendo naturalizado, continua sendo transmitido por homens e mulheres em todo o mundo.

## REFERÊNCIA

BORGES, Caroline C. Mudanças nas trajetórias de vida e identidades de mulheres na contemporaneidade In **Psicologia em Estudo**, Maringá, V. 18, n.1, p.71 – 81, 2013.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v18n1/v18n1a07.pdf>

COSTA, Ana Alice. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres**. 2008. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:57ZdAVJ6cLwJ:pactoglobalcreapr.files.wordpress.com/2012/02/5empoderamentoanaalice.pdf+&cd=1&hl=ptBR&ct=clnk&gl=br&client=Firefox a>.

CULLER, Jonathan. **Literary Theory: A Very Short Introduction**. Second Edition. Stanford: Stanford University Press, 2007.

HALL, Stuart. The Question of Cultural Identity". In: Hall, David Held, Anthony McGrew (eds), **Modernity and Its Futures**. Cambridge: Polity Press, p. 274–316, 1992.

JOHNSON A. R. We. A chave da psicologia do amor romântico. Ed. Mercúrio, São Paulo, 1994.

LAHIRI, Jumpha. *Interpreter of Maladies*. Houghton MifflinHarcourt, New York, 1999.

LESSING, Doris. *To Room Nineteen*. New York: Vintage Books, 1980.

TILLY, Louise A. Gênero, História das mulheres e História Social In **Caderno Pagu**, V. 3, p. 29 – 62. Traduzido por Ricardo Augusto Vieira, Unicamp, 1994. Disponível em: [www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51008](http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51008)